

O "ESTUDO DO MEIO" COMO TRABALHO INTEGRADOR DAS PRÁTICAS DE ENSINO.

NIDIA NACIB PONTUSCHKA^()*

CIRCE MARIA FERNANDES BITTENCOURT^()*

ELZA NADAÍ^()*

ROSA KULCSAR^()*

Há muito tempo a formação do professor vem sendo criticada. Trabalhos diversos, elaborados por diferentes instituições, têm insistido que o professor formado por universidades ou por instituições isoladas de ensino superior não tem correspondido às necessidades das escolas contemporâneas.

A formação do professor continua a ser um processo que se mantém e se explica, de um lado, pelo isolamento, pela fragmentação e, de outro, pela atomização de espaços determinados: o espaço do conteúdo continua sendo o das disciplinas específicas (o bacharelado, quando existe) e o da formação pedagógica, via de regra, é caracterizado pela instrumentação metodológica.

A fragmentação institucional, resultante da última reforma de ensino superior ainda é hegemônica e tem definido o campo das relações entre estudantes e professores. O cotidiano nos mostra que os estudantes frequentam durante quatro ou cinco anos um determinado curso sem estabelecer ligações significativas com seus colegas. A matrícula por disciplina e o sistema de créditos, inquestionavelmente, conseguiram acabar com a existência da "turma" que marcava a vida universitária nos anos anteriores a 1968, dificultando a própria organização dos estudantes com conseqüências diretas para sua despolitização e seus movimentos de resistência.

Tal situação produz influências diretas na escola de 1º e 2º graus, pois tende a ali se reproduzir. É possível que sua atuação se torne a réplica perfeita do que foram os "anos dourados" da formação universitária do professor.

No interior desse quadro, as Práticas de Ensino constituem exceção, pelo menos, se nos ativermos ao discurso de sua institucionalização. Exceção e, ao mesmo

^(*) - Professoras do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

tempo, produto e legitimadora de todo o processo de formação do professor. Basta lembrar que ao assumir um papel integrador tanto em relação ao conteúdo específico e metodologia (a tão decantada teoria/prática), quanto em relação à formação específica/formação pedagógica acaba, contraditoriamente, por situar o "lugar de integração" a um espaço reservado e determinado, dificultando a identificação do espaço comum no qual se produziria o debate da própria integração entre todos os responsáveis pelo trabalho. A Prática de Ensino, como local peculiar de integração assume em decorrência também a "responsabilidade oficial" de estabelecer "pontes de ligação" entre a universidade e os demais graus de ensino.

Embora reconhecendo os limites e as especificidades dessa disciplina, não duvidamos da necessidade de se enfatizar um trabalho voltado para a integração, em seus diversos níveis - professor/professor, professor/aluno, aluno/aluno, conteúdo/método, etc.

Nessa perspectiva, insere-se o "estudo do meio" como trabalho integrador das Práticas de Ensino e também como um dos projetos possíveis para se pensar o ensino de História, Geografia e de outras disciplinas, superando o isolamento e a atomização de cada campo científico, sem no entanto perder a especificidade de cada um deles.

Desde 1987, vimos realizando de uma a duas experiências por ano com os alunos dos cursos de Prática de Ensino de Geografia e de História, cada uma delas direcionada para um espaço social específico. Já realizamos estudos em Santana do Parnaíba - Grande São Paulo (1987), Paranapiacaba - SP e Iguape - SP (1988), Cananéia - Ilha do Cardoso - SP e Itu - SP (1989) e, em fase de planejamento, encontra-se o Vale do Paraíba que deverá ser realizado em 1990.

Nós sabemos, como Jean Noel Luc que "todo meio rural ou urbano, está situado no tempo. Possui uma história, ainda que reduzida. Esta história deixou suas marcas nas memórias e nos arquivos, mas também na paisagem. Objetos e edifícios são testemunhos de existências anteriores. São os laços de união entre passado e presente. Afirmam a influência do primeiro sobre o segundo. Geralmente a favor do passado próximo, mas sem deixar de nos remeter a períodos mais distantes. E estes vestígios permitem situar a criança frente à realidade do passado. Sem a intervenção dos meios de comunicação de massa"⁽¹⁾.

A leitura, portanto, de qualquer espaço social exige que o aluno seja colocado em contato com as diferentes "marcas" que expressam a própria constituição daquele meio, ou sejam: os arquivos, as memórias e a própria paisagem (os objetos materiais) que, tratados cada qual pela linguagem apropriada, encaminham o aluno à iniciação dos métodos próprios tanto ao historiador quanto ao geógrafo. O contato com os diversos documentos já produzidos (ou a serem produzidos pelos

(1) - LUC, Jean-Noel. (1981) La enseñanza de la Historia através del medio. Madrid, Editorial Cincel, passim.

NIDIA N. PONTUSCHKA e outros

alunos), o desenvolvimento da observação direta, o treino do registro de informações, a organização e seleção de depoimentos variados, o tratamento crítico da informação, a problematização e a interpretação resultantes oferecem caminhos demasiadamente ricos para o estabelecimento de relações mais estreitas entre a teoria-prática e entre o conteúdo-método.

Não se trata, como afirma Adalberto Marson, de encaminhar o estudo do meio “centralizado numa lógica do espaço, em última análise destruidora da história e legitimadora das instituições, classes e poderes que organizam e dominam tal espaço”⁽²⁾, mas salientar as diferentes possibilidades e as diferentes concepções do conjunto dos agentes sociais que compõem e organizam aquele espaço. Em outros termos, trata-se de recuperar não só o emergir da história oficial que contemporaneamente serve para legitimá-lo (esclarecendo os seus devidos interesses) mas também de permitir a sua superação, com a emergência de outras possibilidades.

Do ponto de vista prático, alguns quesitos são necessários:

1. O reconhecimento do espaço social a ser estudado, no qual o arrolamento das fontes (de natureza variada - arquivos, memória e objetos materiais) de sua história é imprescindível;
2. Definição da problemática a ser estudada;
3. Organização do roteiro a ser seguido, com a identificação de todas as atividades, seja de coleta de material, seja de divisão de trabalho ou de seleção de material e equipamento a serem usados;
4. A execução do estudo propriamente dito e o tratamento posterior.

Para efeito de análise, selecionamos um, dentre os inúmeros “estudos do meio” já realizados pelas turmas de licenciatura de História e Geografia da FEUSP.

Este estudo fazia parte do plano de curso dos professores das Práticas nas referidas disciplinas e passou por algumas etapas fundamentais.

A escolha do local foi uma decisão conjunta dos professores, pois atendia às necessidades do curso e era viável de acordo com a situação material objetiva dos alunos e da Universidade.

Um grupo de professores e alunos fez o levantamento da área e dos pontos de interesses fundamentais. Com a posse dos dados gerais e dos contatos com os moradores pudemos levantar o tema geral do trabalho: “O pescador, na Região de Iguape”. A seguir, selecionados uma bibliografia básica sobre a área, mapas e cartas geográficas-geológicas para um conhecimento prévio, material necessário e um planejamento detalhado do estudo e também para a elaboração de um caderno de pesquisa de campo.

(2) - MARSON, Adalberto. (1984) Reflexões sobre o procedimento histórico. In: Silva, Marcos A. (org.). Repensando a História. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 54.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

No planejamento foram discutidos os objetivos, o cronograma das atividades, a distribuição das tarefas, a avaliação e o tratamento a ser feito aos dados e a retorno à comunidade utilizada como objeto-sujeito de estudo. Nesse trabalho houve a presença de mais de um professor em determinadas aulas e também de técnicos do serviço de recursos audiovisuais para discutir sobre a elaboração de uma fita de vídeo ou sobre a arte de fotografar. Assim no planejamento os alunos tiveram discussões de um lado, sobre como coletar e documentar aspectos do cotidiano daquele espaço social e, de outro como realizar a análise do material coletado.

Os graduandos foram para Iguape, sabendo o que deveriam fazer e o de cada ato planejado: subir no alto de um morro, conversar com os moradores, andar pela cidade e observar o ritmo das pessoas e de suas atividades, entrevistar as pessoas sobre o Valo Grande ou sobre a ponte inacabada que deveria ligar o continente à Ilha Comprida. Puderam assim "sentir" a realidade e até mesmo avaliar interpretações de autores a respeito da área. A título de exemplo podemos citar um dos estudos que afirmava ser Iguape uma "cidade morta". Os alunos discordaram desta afirmação ao presenciar a vida das pessoas e a luta dos pescadores no momento contra a chamada "Lei Sarney" pela qual ninguém poderia pescar profissionalmente de 1º de outubro de 1988 até 30 de janeiro de 1989, em todo território nacional, época que para a região é a maior atividade devido à pesca da manjuba. Os pescadores deram "verdadeiras aulas" sobre a pesca e de como a sua sobrevivência dela dependia. Nessas "aulas" eles jamais desvincularam a *natureza das histórias de vida e de sua comunidade pesqueira*. Basta ouvir seus depoimentos para conferir.

Os pescadores ainda foram mais longe, questionaram também a nossa presença. Um velho pescador nos perguntou: "P'ra que serve essa conversa? É apenas uma pesquisa? O que de bom ela vai trazer para nós?"

Na sua simplicidade e na sua clareza, ele estava, na verdade, colocando em xeque os trabalhos de pesquisa que usam as populações apenas como objetos e não como sujeitos que, como cidadãos têm um papel na sociedade e na história do trabalhador.

Se, de um lado, os pescadores cobravam das autoridades locais providências em relação à lei que vinha comprometer a sua sobrevivência em futuro imediato, de outro, os moradores viviam um problema quase permanente e sem solução imediata: a maioria do casario urbano, de Iguape, data do século XIX, os moradores questionam o próprio tombamento. Os alunos perceberam as contradições desse processo ao mesmo tempo em que é preciso tomba porque as marcas e vestígios de nossa História devem ser preservados, o CONDEPHAAT, como órgão consultivo, não é depositário de verbas para a restauração ou a manutenção dos prédios tombados. A população que vive em certos prédios não tem recursos financeiros para manter a estrutura da casa do passado. O que se viu foram prédios bem conservados ou restaurados utilizados por casas comerciais ou bancos; casas em pro-

NIDIA N. PONTUSCHKA e outros

cesso de destruição ocupadas por famílias mais pobres ou ruínas, sem condições de serem habitadas.

A Prefeitura, por sua vez, explicitou não ter recursos para implementar os melhoramentos necessários. Na tentativa de aumentar sua arrecadação iniciou a construção de uma ponte ligando o continente à Ilha Comprida, para incentivar o turismo e a especulação imobiliária.

No entanto, segmentos da população local (políticos de posição contrária e moradores) levantaram intensa polêmica sobre a questão e organizaram um movimento de resistência que extrapolou os limites da cidade, com a adesão de grupos e organizações defensoras da preservação do meio ambiente. Conclusão a ponte permanece inacabada.

As justificativas para sua não conclusão centram-se sobretudo nos danos ecológicos que ela causaria à Ilha Comprida, devido à fragilidade da sedimentação, destruição da vegetação pioneira e do manguezal, a contaminação dos lençóis freáticos, ainda que salobros, pela presença de fossas, etc.

No retorno do estudo, após avaliação com os alunos, os professores decidiram que, ao invés de um relatório por grupo, os esforços seriam concentrados na elaboração de material que ficaria a cargo dos alunos e permaneceria como acervo da Faculdade de Educação. Assim, a documentação original transformou-se em material didático: fitas de vídeo-cassete, álbum de slides e gravações de entrevistas com os moradores.

Do “copião” com tomadas feitas durante o estudo foi realizada uma fita de vídeo intitulada: “Iguape, uma cidade morta?”. Foi feita uma edição de 40 minutos orientada pelos alunos e professores, com aspectos da cidade, do museu, do pequeno engenho de farinha de mandioca, das entrevistas com os moradores da cidade e das aldeias de pescadores. Um texto e músicas foram selecionadas para a edição final.

Os alunos fizeram também um álbum de slides/fotografias, selecionando as mais significativas e organizando-as segundo um roteiro determinado, com texto de apoio, para melhor aproveitamento do ponto de vista didático, e fitas cassetes gravadas com entrevistas orais de pescadores, alunos, professores e funcionários das escolas públicas.

Todo esse material está à disposição dos professores da Faculdade de Educação e das escolas de 1º e 2º graus para serem utilizados em suas aulas.

Ao colocarmos a proposta do “estudo do meio” para a classe tínhamos a preocupação de dar um retorno para a população de Iguape, mas ainda não estávamos certos de como fazê-lo. A própria fala dos pescadores nos ofereceu o caminho. Durante o estudo, uma das perguntas do velho pescador estava sempre presente: “o que esta pesquisa vai trazer de bom para nós?”

Durante as entrevistas, os pescadores mal conseguiam falar sobre sua vida passada, sobre o seu cotidiano, porque havia uma ameaça maior representada pela lei, de efeitos extremamente sérios e contraditórios “porque pro-

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

tegenderos peixes”, (ninguém discordava dessa necessidade) “alei desconsiderava os homens”.

Ao voltarmos para São Paulo procuramos entrar em contato com pessoas que pudessem nos esclarecer sobre a lei, seu espírito e seus efeitos. Chegamos à conclusão que, se consumada, causaria danos irreparáveis à população de Iguape e de várias partes do nosso litoral. Conseguimos marcar uma reunião com Diretoria da SUDEPE em São Paulo, no sentido de solicitar esclarecimentos sobre as providências que estavam sendo tomadas em relação à lei.

Convidamos pessoas de diferentes entidades para participar da reunião: professores, políticos, jornalistas e pescadores de Iguape.

A lei foi discutida e os pescadores puderam rebater todas as questões com dados objetivos, resultantes de sua vivência e do conhecimentos acumulado no desenrolar de sua existência.

A entrevista gravada para o vídeo, transformou-se em um testemunho da promessa de um dos diretores da SUDEPE de que afrouxaria a fiscalização até que o Presidente da República tomasse medidas visando minimizar os efeitos da lei. O “copião” fita de vídeo foi, mais tarde, passada para os próprios pescadores, em Iguape.

Um dos políticos presentes à reunião levou para Brasília a problemática. Esse movimento associado a outros ocorridos em vários Estados do País, determinaram a suspensão dos efeitos da lei, o que permitiu aos pescadores continuar desenvolvendo seu trabalho: a pesca da manjuba.

Ainda em decorrência desse trabalho um grupo de alunos de Prática de Ensino de Geografia e de História organizou um curso sobre o estudo do meio para professores dessas disciplinas no 1º Encontro de Professores de Geografia e História, realizado no 1º semestre de 1989, em São Paulo.

Com essa pesquisa associada ao ensino e a formação do professor, pudemos mais uma vez sentir que o “estudo do meio” constitui realmente um dos caminhos a serem perseguidos no sentido de aproximar professores e alunos de disciplinas específicas para um trabalho coletivo e interdisciplinar para a vivência e compreensão de realidades também específicas, mas contidas e explicitadas em uma realidade maior (a brasileira) permitindo também que alunos e professores possam expressar a realidade por meio de diferentes *linguagens*, que podendo serem utilizadas e analisadas por outros professores e alunos que ainda não tiveram a oportunidade ou condições para realizar estudos “in loco”.

Bibliografia:

LUC, Jean-Noel.(1981) La enseñanza de la Historia através del medio. Madrid, Editorial Cincel, passim.

NIDIA N. PONTUSCHKA e outros

MARSON, Adalberto. (1984) Reflexões sobre o procedimento histórico. In: Silva, Marcos A. (org.). Repensando a História. Rio de Janeiro, Marco Zero, p. 54.

RESUMO

Para a formação inicial do professor, os professores universitários devem realizar um trabalho mais integrado entre as diferentes disciplinas. Nessa perspectiva, as disciplinas de Prática de Ensino vem procurando enfatizar a integração entre professor/professor, professor/aluno, aluno/aluno, conteúdo/método, teoria/prática, disciplina/disciplina, etc.

O "estudo do meio", introduzido nas Práticas de Ensino da FEUSP, visa romper com o isolamento das disciplinas. Proporciona ao aluno não só a oportunidade de entrar em contato direto com diferentes realidades, problematizando-as, como também desenvolve a observação direta a partir dos vários tipos de documentos (escritos, gráficos, arquitetônicos, etc), ensina a registrar informações, a selecionar e organizar os vários depoimentos dando-lhes um tratamento crítico. Constitui, assim, um projeto de ensino em que os alunos e seus professores podem reelaborar o saber, produzindo novos documentos resultantes da reflexão sobre diferentes aspectos do meio.

Este artigo apresenta o relato de um estudo do meio à Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, como exemplo de integração das Práticas de Ensino de Geografia e História.

Palavras-Chave: formação do professor; integração; Prática de Ensino; estudo do meio; produção do saber.

ABSTRACT

For teacher's initial formation courses, professors from the different disciplines need to do a much more integrated work. Under this perspective, the teaching practice disciplines have been trying to stress integration between teacher/teacher, teacher/student, student/student, content/method, theory/practice, discipline/discipline, etc.

The "study of the environment", introduced in Teaching Practice disciplines of FEUSP, intends to break up with the isolation of these disciplines without making them lose their different specialities. It provides the student an opportunity of getting in touch with different realities, problematizing them. It also enables developing direct observation by the analysis of the many kinds of documents (written, graphic, architectural, etc.), as well as teaching how to record information, select and organize the varied testimonies, giving them an appropriate sistematization. Thus, it makes up a project of teaching in wich students and their teachers may re-elaborate knowledge, producing new documents that result from their considerations on different aspects of the environment.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70

This article presents a report of a study of environment carried out in Iguape, southern coast of State of São Paulo, as an example of integration of History and Geography Teaching Practice disciplines.

Key words: teacher's formation; integration; Teaching Practice disciplines; study of environment; knowledge production.